



19 x *Inimigo Rumor*

Leonardo Martinelli*

1. A revista de poesia *Inimigo Rumor* surgiu em 1997, a partir de um núcleo de autores/editores de poesia ligados à editora 7Letras, do Rio de Janeiro. Dez anos depois, está prestes a lançar seu vigésimo número – algo se não inédito no Brasil, ao menos excepcional em qualquer lugar do mundo. Ao longo desse tempo, a revista se notabilizou por oferecer de uma a duas centenas de páginas semestrais focadas na produção brasileira contemporânea, além de abrir espaço para a publicação de ensaios, traduções e inéditos de autores do quilate de Haroldo de Campos, Sebastião Uchoa Leite, Zuca Sardan, Cacaso, Chico Alvim, Eudoro Augusto, Ana Cristina César, Angela Melim, Paulo Henriques Britto e Claudia Roquette-Pinto. Desde o número 14, *Inimigo Rumor* é co-editada pela 7Letras e pela Cosac & Naify – duas das editoras que mais publicam poesia neste país.

2. A *Inimigo Rumor* também ajudou a preencher – e muito – certas lacunas na formação literária de muitos críticos, poetas, estudiosos e leitores, que por alguma infelicidade ou desencontro com a produção internacional ainda não haviam lido nomes como Gonzalo Rojas, Juan Gelman, Antonio Cisneros, Michel Déguy, Jacques Roubaud, David Antin, Frank O'Hara, Ingeborg Bachman ou mesmo Henri Michaux (até hoje sem um livro de poemas no Brasil). Tudo graças ao virtuosismo e à humildade de vários tradu-

* Poeta e doutorando em Literatura Comparada (UFRJ).

tores que se esforçaram por ampliar o repertório do público brasileiro (que pode até não ter crescido muito, mas sem dúvida transformou-se através da revista).

3. Boa parte dos autores lançados pelos primeiros números continuou publicando e desenvolvendo seu trabalho na *Inimigo Rumor*. Muitos acabaram absorvidos pelo conselho editorial da revista, que atualmente conta com dezesseis integrantes. Desde o primeiro número até o presente, foram 133 poetas brasileiros e 183 estrangeiros. Talvez existam várias monografias, dissertações e teses da área de Letras sobre a *Inimigo Rumor*. O estranho é que a massa dos alunos de graduação praticamente a desconheça (“por que os professores não fazem algo a respeito?”, reclama um leitor bem-intencionado).

4. Não há como contar a história da *Inimigo Rumor* sem lê-la, ou melhor, percorrê-la: são quase três mil páginas de poesia escrita, traduzida e criticada. Uma boa forma de começar é pela última edição, escolhendo os autores que mais lhe interessem, procurando segui-los através de outros números – os quais naturalmente oferecerão novos nomes à lista do leitor de primeira viagem. A partir daí, se continuar interessado pelos materiais que o atraíram, o leitor aprenderá a reconhecer algumas tendências poéticas das mais inventivas – bem como uma variada gama de contextos, dicções e procedimentos. Não há uma escola ou estilo hegemônico identificável, antes um leque de opções plenamente demonstradas pelo itinerário da *Inimigo Rumor* (ou *Inimigo*, para os íntimos).

5. O número dezanove acaba de sair.

6. Há excelentes motivos para abri-lo num intervalo de trabalho, a caminho de algum lugar, por hábito ou aventura, dentro ou fora de casa.

7. O primeiro deles é a série de poemas dedicados a amigos de Aníbal Cristobo. O poeta argentino lançou-se pelas páginas da *Inimigo* em seu terceiro número (1997); desde então, já publicou quatro livros (*Teste da iguana*, *Jet-lag*, *Krill* e *Miniaturas kinéticas*), alguns ensaios e várias traduções. O maior interesse dessa nova leva de poemas é a forma como Aníbal consegue homenagear, criticar, assimilar e fazer humor com seus companheiros de ofício, em textos livres e coloquiais – traços que não se opõem à densidade e ao alto nível de sua poesia, seguramente um dos maiores patrimônios da revista. Poemas como “Camisa para Sebastião Uchoa Leite”, “Exagero para Waly Salomão”, “Cacto para Armando Freitas Filho”, “Retórica para Marcos Siscar” e “Conversa telefônica para Carlito Azevedo” são comprovações suficientes de que Aníbal tem muito a nos dizer (inclusive ao autor desta resenha, também agraciado com um poema-presente irrecusável).

8. “Um a menos”, do paulista Heitor Ferraz, vinte fragmentos em torno do lido e do vivido sem pompas, também pode ser matéria para vasta reflexão acerca das formas cada vez mais voláteis e hibridizadas que a melhor poesia brasileira contemporânea vem assumindo. No caso de Heitor: a tradição modernista, algumas inflexões emprestadas de Gullar e Alvim, o cotidiano urbano-universitário, memórias, citações e referências misturadas na argamassa verbal do poeta de *Coisas imediatas* (2004). Ler Heitor Ferraz é acompanhá-lo em seus trajetos contemplativos, entre

a garoa de sua megalópole e a maresia carioca. Como disse Chico Alvim acerca de Waly Salomão, Heitor Ferraz é “um poeta que sabe fazer-se estimado por quem o lê”.

9. “Brasília”, de Alejandro Mendez (Argentina), é mais uma prova da capacidade argentina de nos observar com empatia e impiedade (cf. Nestor Perlongher, Tamara Kamenszain, Aníbal Cristobo). O poema, em tradução de Carlito Azevedo, se esforça por captar “algo vivo que sepultado / se agita desesperadamente”, “o riso / solar / capturado / na frágua / do cimento”, “racionalismo tropical / ou / Bauhaus / à la Carmen Miranda”. Consegue.

10. Ricardo Domeneck é uma das maiores apostas dos últimos três números: sua poesia, suas ideias e traduções demonstram vitalidade, argúcia e imaginação fora do comum, além de capacidade de sobra para sacudir e renovar a cena poética contemporânea. Seu novo livro, *A cadela sem logos* (Cosac & Naify), acaba de ser lançado; já o poema publicado na revista revela uma faceta menor de Domeneck, onde o tema sofre torções semânticas e suspensões sintáticas que flertam com certos aspectos da *language poetry*, ao mesmo tempo que jogam com a figura do peão num tabuleiro de referências opressivas (Bíblia, cinema, xadrez, economia): “és / extra / em épico / alheio / peão guiado / por mãos inábeis [...] e não adianta / gritar por claridade [...] a luz não / dissolve o labirinto”.

11-17. Os quatro verbetes de Georges Bataille para o “Dicionário Crítico” da revista *Documents*, entre maio e dezembro de 1929, são uma contribuição de alcance inestimável para poetas, ensaístas e prosadores preocupados com as possibilidades de uma escrita

poética pensante (cf. Agamben). É impossível não se deixar fascinar pelo brilhantismo intelectual e pela coragem do grande escritor francês, plenamente expostas em “Abatedouro” (“O matadouro remete à religião no sentido em que os templos das épocas recuadas [...] tinham um duplo uso, servindo ao mesmo tempo às implorações e às matanças”), “Arquitetura” (“Os homens representam aparentemente, no processo morfológico, apenas uma etapa intermediária entre os macacos e os grandes edifícios”), “Informe” (“dizer que o universo não se assemelha a nada e que ele é apenas informe equivale a dizer que o universo é algo como uma aranha ou um escarro”), “Olho” (“o olho poderia ser aproximado do *gume*, cujo aspecto também provoca reações agudas e contraditórias: é isso que devem ter experimentado de maneira terrível e obscura os autores de *Un chien andaluz*”), bem como em dois artigos do mesmo período – “O dedão do pé” e “A linguagem das flores”.

18. “Dois andares com terraço e vista para o estreito”, de Emmanuel Hocquard (trad. Marília Garcia), um dos nomes mais importantes da poesia francesa contemporânea, é um poema fundamental. São quase trinta páginas indispensáveis, num exemplo de como tornar o mundo mais interessante através da atenta observação de suas ranhuras, resíduos e ruínas. O trágico e o sublime pulverizados pela deriva cotidiana.

19. O texto de Frank O’Hara sobre Jackson Pollock reúne dois dos maiores criadores do século XX norte-americano, num brilhante elogio crítico do poeta ao pintor. Mas também podemos nos arriscar a ler o ensaio como uma carta de princípios ou *intuições criativas*, válidas tanto para a pintura de Pollock como para a poesia

de O'Hara. Sua publicação em português merece ser saudada – assim como a revista *Inimigo Rumor 19* inteira. E que venha o número vinte.

(Esse texto é dedicado a todos aqueles que fizeram a revista acontecer ao longo destes dez anos. Não são poucos – felizmente.)